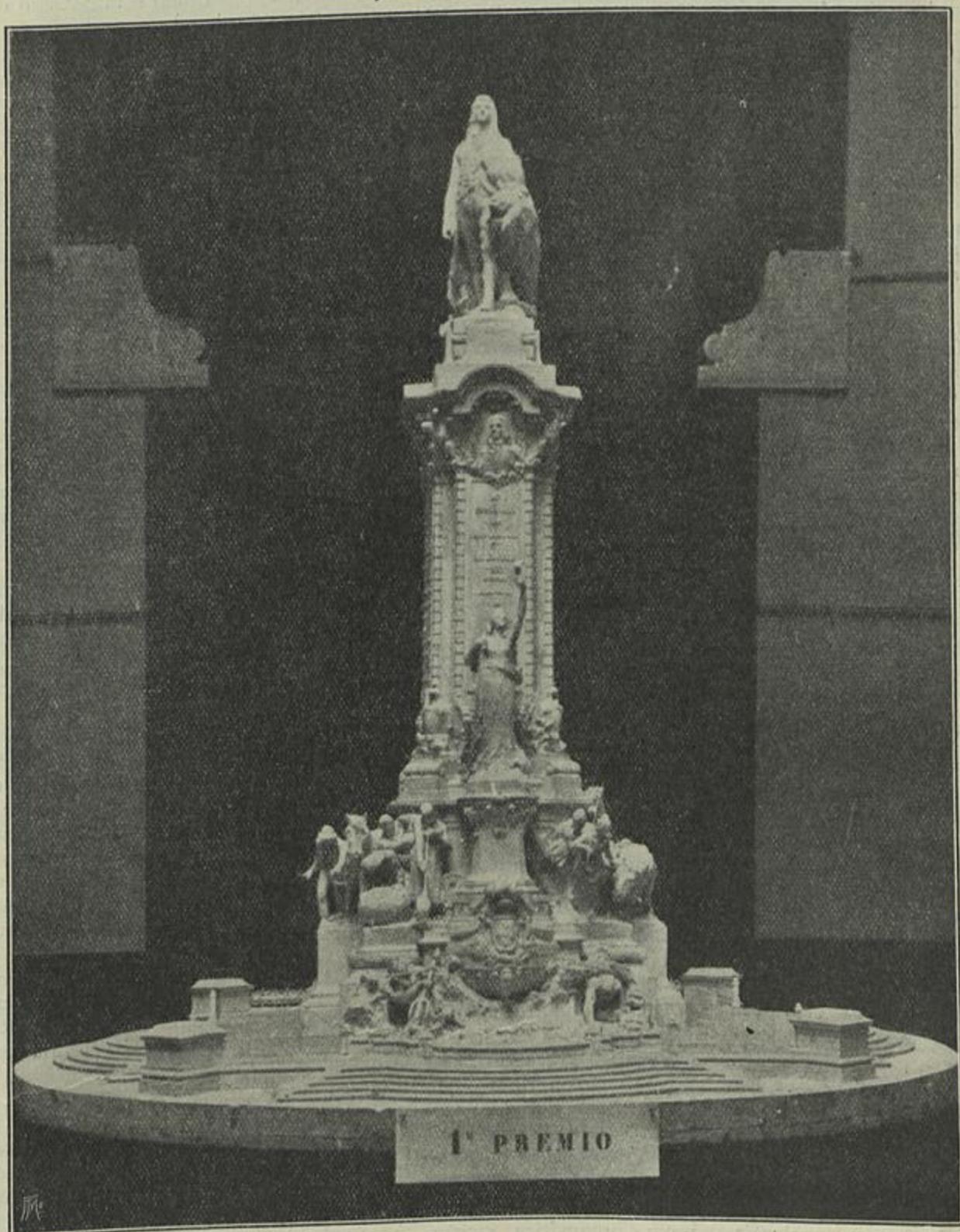


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO
 Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. o n.ºs	N.º à entrega	37.º Anno—XXXVII Volume—N.º 1271	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	\$950	\$120	20 de Abril de 1914	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—	—		
Estrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		

O Concurso para o Monumento ao Marquês de Pombal



MAQUETA DOS ARQUITETOS SRS. ADÃES FERMEDES E ANTONIO COUTO E ESCULTOR SR. FRANCISCO DOS SANTOS QUE FOI CLASSIFICADA PELO JURI PARA O PRIMEIRO PREMIO

CRONICA OCCIDENTAL

Grassa um psitacismo inevitável e ineliminável entre os homens, motivado por uma inevitável e ineliminável mesinteligência. Em vez de o atenuar, como é seu logico intuito, a educação que vulgarmente se ministra, agrava-o. A educação familiar complica o. Na vida de família começa para a criança a sua educação de constrangimento e pezar. A sua curiosidade nascente é malorientada ou estupidamente amortecida. O conhecimento da palavra precede o surgimento da ideia. Inculca-se á criança noções moraes, por vezes falsas, numa idade em que para ela só sensações existem. Daqui nasce o preconceito. Sendo a família já experimentada pelas circunstancias, mais ou menos acidentadas, dum vida mais ou menos longa, acontece que a criança não pode apreender-lhe as ideias, nem explicar-lhe o procedimento. Daqui veem contra-sensos e não-sensos.

A educação escolar eleva o psitacismo a proporções desmedidas e ameaçadoras, pois que a materia-de-ensino é sempre mais estranha ao espirito e experiencia quotidiana do que a materia de conversação corrente. O professor deve conhecer suficientemente, não só a psicologia da individualidade a que o ensino se vai applicando, mas tambem a materia-de-ensino a aplicar. Todo o conhecimento é constituido por um nucleo essencial, primordial, e por cambiantes accessorias e subordinadas. O professor inepto não sabe fazer uma destrinça precisa e nítida.

Não conhecendo o assunto que trata, real e praticamente, o bom-senso comezinho limita-o a uma fraseologia livresca que não pôde interpretar. Não sabe unificar, nem concretisar o ensino. Se tenta unificar-o — só consegue amputal-o e empobrecê-lo. Se tenta concretisal-o — estarece-se na hesitação invencível.

E — consequencia prevista — psitacisa. O psitacismo do professor vai amplificar, numa deformação monstruosa, o psitacismo do discipulo.

Na verdade, assim é. Ante um ensino mal-ordenado, uma intelligencia que não possa dominal-o, sente, irreprimivelmente cansaço e tédio. O ensino é pesado — esmaga e asfixia. Neste caso, que é, com effeito, o aluno que na terminologia escolar se chama *bom-aluno*, *aluno-distinto*? E' o aluno miserando que applicou exclusivamente o seu esforço na esterilidade duma estrita cultura verbal. Usou e abusou da memoria sem que para ela invocasse o principio directôr da intelligencia. Não vê além do aspéto físico da palavra e se não tem mero bom-senso que o oriente nas encruzilhadas da vida pratica, tambem não tem razão que o êrga á região da intelligencia pura.

Abandonem-no e vél-o-ão desvairar como um homem que andasse cultivando o saibro do deserto.

Sem originalidade, nem iniciativa, a sua individualidade astenisou-se e as forças do seu espirito esgotaram-se na acquisição de conhecimentos faltos de nexo e utilidade. Conhece formulas? Não sabe applical-as. Conhece factos? Não tira desse conhecimento resultados praticos, nem conclusões teoricas.

O belga Braum, na sua enumeração das qualidades que o professor imprescindivel-

mente deve possuir, exige que seja intelligente. Compayré nota que é forte exigencia! Não se limitam, porém, aqui as qualidades necessarias do professor. Além de ser um psicologo, tem a obrigação moral de conhecer, se não extensivamente, pelo menos intensivamente o assunto que trata.

Por este motivo, as escolas normais, nos apuramentos de exames ultimos, deve proceder a uma selecção de faculdades de trabalho e sobretudo de faculdades de intelligencia. Se assim não acontece, as consequencias são perniciosas.

E, na verdade, assim tem acontecido em Portugal. Os resultados são visiveis.

O nosso ensino resolve-se em panria ou logomachia inutilisante. O aluno está sempre abaixo do ensino que se lhe ministra. Gilberta Pascal, em paginas que antecedem a obra de seu irmão, o sublime pensador — diz claramente como ele recebeu a instrução do carinho intelligente de seu pai: — «*Sa principale maxime dans cette education étoit de tenir toujours cet enfant audessus de son ouvrage...*» (Oeuvres Complètes de Blaise Pascal (Hachette, 1864).

O aluno que está acima do ensino que se lhe ministra, domina-o. Pôde estar igual ao seu ensino, que o seu esforço dominal-o-á. De contrario, será esmagado por ele.

Ora a instrução, na maioria enorme dos nossos estabelecimentos-de-ensino, é não-adaptada e prematura.

Não é experimental, nem metodicamente orientada.

O simbolo supre a coisa representada. A atenção do aluno absorve-se num e esquece logicamente a outra.

A vista directa da realidade perde-se.

Como é ministrado o ensino da geografia?...

O discipulo vê deante de si um mapa. Por ele se lhe faz a descrição da terra. Ordena-se que decore os nomes das cidades, vilas, rios, montanhas e mares. Apontam-se-lhe definições dos termos geograficos. Mas essas definições são abstratas e não correspondem na imaginação do aluno a realidades precisas e definidas.

O discipulo não sabe como é que um mapa pôde representar um paiz. Essas noções ser-lhe-ão dadas posteriormente. As palavras — altitude, longitude, polos, equador, meridianos — esfumam-se num mistério irresolúvel. São esquecidas ou deturpadas, inevitavelmente. A utilização pratica é impossivel.

E o ensino da cosmografia — pôde o professor ter a doce illusão de que o aluno o assimilou? A esfera armilar é ainda para êle um instrumento de feiticaria ridicula. Foi neste sentido que Rousseau afirmou: — «*L'air scientifique tue la science.*» Tinha razão.

Como é ministrado o ensino da historia?...

Dizem que a historia é a mestra da vida. Passemos de leve sobre esta definição antiga. Para o discipulo, indubitavelmente, não é. Nem sequer a interpretou. Na memoria armazena factos que não discerniu. Nem de longe pressente a significação dos termos de historia, mais vulgares. As palavras — liberdade politica, constituição, dieta, investidura, soberania do povo, pragmática sanção — são palavras cabalísticas para o aluno mais diligente.

Como é ministrado o ensino da matematica?...

Não se pôde conceber sciencia mais perfeita. O seu ensino é comodo e intuitivo. E' uma sciencia essencialmente didática. As definições enunciam-se sob uma forma impecavel e clara e as demonstrações orientam-se rigorosamente. Mas precisamente porque a matematica é um encadeamento estreito, continuo e ascendente de razões, o esforço que um espirito novel dispende é extraordinario e perde-se se a atenção por um momento desfalece. E' o que, na verdade, succede. Muitas vezes, por circunstancias adventicias do ano lectivo, o programma obrigado duma classe exgota-se incompletamente. Esta falta de nenhum modo se compensa já e no ano seguinte a classe que se adianta na escola-publica, enceta o novo programa que a esse novo estado escolar respectivamente pertence. A continuidade logica teve assim uma solução. A marcha didática ficou prejudicada.

E', então, que o discipulo mnemonicisa a formula sem lhe aprender o sentido íntimo essencial.

Como é ministrado o ensino de linguas-vivas?...

Ainda teoricamente. Isto é, não se faz destrinça necessaria entre os objectivos dos estudos de linguas-vivas e linguas mortas. Se o estudo destas tem por fim exclusivo o entendimento da sua comunicação escrita, o estudo daquelas tem o duplo fim do entendimento da comunicação escrita e comunicação oral.

A teoria aniquila a pratica, no estudo de linguas-vivas. O fim imediatamente util é irrealizado.

De resto, o estudo de linguas-vivas, absolutamente pratico era prejudicial, não sendo, efectivamente, impossivel. Diz-se que «o habito de encetar a pratica duma lingua pelas definições das partes do discurso e do seu emprego, é quasi tão rasoavel, como o seria de preludiar o exercicio de marcha por um curso sobre os ossos, os musculos e os nervos da perna». (Da Educação-Spencer). A comparação não se justifica.

Para se aprender canto, estuda-se a fisiologia da voz. Uma derrota não exige só do marinheiro a pratica mas tambem conhecimentos náuticos. A teoria e a pratica auxiliam-se mutuamente. Prejudicam-se quando se isolam.

Diz-se que se deve aprender a lingua-estranha como se aprendeu a lingua-materna. Impossivel. As condições são diferentes. Surge sempre inevitavelmente a comparação das formulas adquiridas da lingua materna com as formulas da lingua estranha que se vão adquirindo. Essa comparação necessita duma base logica. Essa base logica, da-a o estudo teorico.

Em suma, toda a teoria precisa da coadjuvação da pratica para cabalmente se justificar, e toda a pratica precisa da coadjuvação da teoria para nitidamente se compreender.

Realisou-se, ha dias, solenemente a abertura do Congresso Pedagogico. De teses, em discussão, surgiram, em luz, ao nosso espirito, este escorço de considerações, que submetemos ao criterio dos nossos pedagogos emeritos e congressistas.

ANTONIO COBEIRA.



O Banquete de Herodes

Da coleção Moreira Freire

Remorso



ONTEM á noite pude dar-lhe um beijo,
Pude abraçá-la com ternura infinda.
Ela còrou... mas eu não tive pêjo
De lhe roubar essa carícia linda!

Quiz mitigar a febre de um desejo
Que a mocidade pensa que não finda;
Porém agora com remorso vejo
Que a não devia ter beijado ainda!...

Por um beijo mil vezes recusado
Manchei-a num momento apaixonado,
E um beijo vái-se... quasi se não sente!

Prazer maldito, como um sonho dura.
...P'ra que tive uma hora de ventura,
Se hei-de ter um remorso eternamente?!...

Espinola de Mendonça.

PELO MUNDO FÓRA

Previa-se geralmente que o príncipe *Guilherme de Wied*, agora senhor dos destinos da *Albania* — o novo reino sahido da conferencia de Londres e não por voto expresso dos albaneses — havia de lutar com serias difficuldades. Os *epirotas* manifestaram desde logo a sua reluctancia em acceitarem o dominio albanês, e, sendo bons guerreiros, puzeram-se em armas contra as fracas forças do governo, coadjuvadas pelas tropas internacionaes.

Korytza cahiu em poder dos insurrectos e *Durazzo*, a capital do nascente e bellicos Estado, esteve em risco de se passar para os *epirotas*. A *Grecia*, que aliás nutre sympathias pelo Epiro, mostra desejos de que a questão se liquide diplomaticamente.

Para essa solução muito terá concorrido a recente *entrevista de Veneza* entre o imperador *Guilherme da Allemanha*, cunhado do rei da *Grecia*, e o rei *Victor Manuel*.

A questão do *Ulster* serenou temporariamente. Já foi approvedo o *Home-rule* em segunda leitura. Procura-se impedir a todo o custo a guerra civil no *Ulster*. Ha dois caminhos a seguir: — a exclusão d'aquella parte da *Irlanda* no novo regimen de autonomia, ou a dissolução do Parlamento e realização de novas eleições geraes.

Asquith sobraça agora a pasta da guerra, que o coronel *Seely* teve de abandonar, em consequencia da attitude d'alguns officiaes.

O caso *Calmette-Caillaux* continúa a ser largamente discutido. A camara, apoz profiado inquerito, illibou a responsabilidade dos srs. *Monis* e *Barthon*, mas reconheceu que houvera pressão politica no adiamento do processo *Rochette*.

Madame Caillaux aguarda o resultado do processo, optimamente tratada na prisão de *S. Lazaro*, onde nada lhe falta em commodidades e attentões, o que não vae sem protesto da imprensa e das companheiras de prisão.

A *França* celebra o 25.º anniversario da construcção da famosa *Torre Eiffel*, considerada então como uma monstruosidade e uma offensa ao bom gosto. Nos protestos de 1889 sobresahiam os nomes de *Guy de Maupassant*, *Sully Prudhomme*, *Gounod*, *Lecont de Lisle*, *Coppé* e *Paileron*. Quem lhes havia de dizer que essa gigantesca construcção de 300^m de altura, em que se empregaram 8:000 toneladas de aço, havia de vir a sêr o centro d'onde irradia a telegraphia sem fios que num momento percorre toda a Terra!

E' tal o valor d'estas edificações que a *Belgica* começou já a construir uma torre que rivalizará com a de *Paris*. Ha-de ter 333^m de altura e ergue-se em *Laecken*, perto de *Bruxellas*.

Destina-se a investigações scientificas, especialmente no dominio da meteorologia e da telegraphia sem fios.

Paris celebrou o doloroso centenário da entrada dos exercitos alliados — prussianos, russos e austriacos — que venceram o heroico *marechal Moncey* com os seus milhares de estudantes e de guardas nacionaes, na famosa barreira de *Clichy*, pondo

no throno *Luiz XVIII*. Essa commemoração é pois uma data funebre. O anno de 1814 representa uma grande derrota para a *França*.

A *Inglaterra* prepara-se para festejar a *Batalha de Waterloo*, cujo centenário passa no anno proximo. O *Duque de Wellington*, quarto d'este nome, e neto do successor de *Waterloo*, organizou um *meeting* para se obterem os fundos necessarios para a manutenção do campo de batalha, ameaçado de ser coberto de edificações. O producto da subscrição deve ser avultado e destina-se a indemnizar os proprietarios dos referidos terrenos, e á construcção d'um jazigo, onde se juntarão os ossos dos milhares de soldados que ali perderam a vida.

O governo belga já prohibiu que se fizessem edificações ou plantações naquelles campos santos, onde se decidiu uma das mais formidaveis contendidas que a *Humanidade* tem presenciado.

Londres e *Paris* estão em festa. Reina grande entusiasmo pelo 10.º anniversario da *Entente Cordiale*; o accordo, graças ao qual — no dizer do *Times* — a *França* e a *Inglaterra* puderam constituir um baluarte formidavel que resistirá a todas as combinações tendentes a restringir a liberdade politica ou moral de cada uma d'essas nações. Em consequencia d'esse accordo formou-se a *Triple entente*, força immensa e cada vez maior, contrabalançada pela *triplice alliança*. São estes os pratos da grande, da colossal balança europeia, cujo fiel balouça ao sopro da mais leve aragem...

A *entente cordiale* teve começo na primeira quinzena de *Abrii* de 1904. Os seus resultados confirmaram os planos dos seus iniciadores, que, como se sabe, fôram o rei *Eduardo VII*, o *marquez de Landsdowne*, o *Presidente Loubet* e o *ministro Delcassé*.

O suffragio feminino vai ganhando terreno em *França*. O grande diario *Le Journal*, com uma tiragem de perto de um milhão de exemplares, põe as suas columnas á disposição das defensoras do feminismo, que tem por chefe *Madame Pelletier*. As suffragistas de *Paris* tem além d'isso revistas especiaes, como *La Suffragiste*, *Le Cri des Femmes* e *La Française*. Na sua campanha de reivindicações politicas, as suffragistas francêsas estão longe de adoptar os processos violentos e anarchicos das suas collegas de além da *Mancha*, que tantos prejuizos teem causado na sua furia destruidora. Nem os museus escapam.

Ainda ha pouco se viu uma tal *Mary Richardson* dar sete golpes de machado numa tela de *Velasquez*, adquirida ha 8 annos pela *National Gallery* por 225 contos. A destruição do retrato da mais bella mulher da *mythologia* — a *Venus ao espelho* — teve por fim vingar a prisão de *Mrs. Pankhurst*, a mais bella figura da historia moderna. Assim se desculpou a tal *Richardson* perante a policia.

Por prevenção, fecharam-se todos os museus.

No activo das suffragistas francêsas conta se apenas o *auto de fé* de alguns exemplares do codigo civil, em 1904, e a invasão das salas do voto e destruição das urnas eleitoraes, em 1910.

Cá por casa as suffragistas teem-se portado ainda com mais brandura. Valha-nos isso.

No *Illinois*, um dos 10 Estados da União norte-americana, onde as mulheres votam, realizou-se ha dias uma eleição municipal a que affluiram mais de 160:000 suffragistas, ou sejam 70 % das inscriptas.

A concorrência da mulher á urna moraliza os costumes e applaca as iras eleitoraes. Dizem-no-lo de *Chicago*. O certo é que da acção feminina resulta o combate em fórma contra o alcoolismo.

Em 16 condados e 11 cidades já fôram abolidas as tabernas.

Não terminarei esta digressão á volta do mundo sem dizer algumas palavras acerca da *Semana Santa*, celebrada em toda a parte com desusado fervor. Nas tres grandes republicas dos *Estados Unidos*, do *Brasil* e da *França* vemos certa paralyção nos negocios officialmente decretada em acatamento das crenças christãs. Mas é sobretudo na patria de *Voltaire* que se manifesta um rejuvenescimento religioso deveras significativo, e tanto mais quanto é certo estar á frente d'aquella nação o governo mais radical do mundo.

Ha dez annos toda a *França* soffria os efeitos d'uma campanha anti-clerical apoz o caso *Dreyfus*, suppondo-se que á obediencia religiosa se seguiria definitivamente o atheismo triumphante. Os factos, porém, demonstram o contrario. Dezenas de camaras municipaes reclamam as *irmans de caridade* para os hospitaes. As egrejas de *Notre Dame*, de *Saint-Roch* e da *Trinite* enchem-se de fieis para ouvir os successores de *Bossuet*, *Massillon*, *Lacordaire*, *Bourdalone*.

Maurice Barrès emprehende no Parlamento a grande tarefa de defender do camartello demolidor as maravilhas architectonicas do christianismo. O seu intenso amor patriotico resôa na tribuna militar e no recentissimo livro *La grande pitié des Elyses de France*.

Vemos surgir em *Nancy* o drama da paixão, celebrado com a mesma devoção com que de dez em dez annos essa comovente cerimonia se realiza *ao vivo* na povoação bavara de *Oberammergan*. Foi em 1904 que pela primeira vez esse drama se exhibiu em *Nancy*. Os espectadores eram 120:000. Os actores eram cerca de 500; todos anonymos. As scenas da entrada em *Jerusalem*, do julgamento e condemnación de *Christo* e da crucifixação produzem emoção profunda.

No seculo da electricidade e da critica scientifica o christianismo ergue-se radiante.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



O Concurso para o Monumento ao Marquês de Pombal

Os projetos classificados

Desde o ano de 1882, em que se celebrou o primeiro centenário da morte do Marquês de Pombal, que a ideia de levantar um monumento ao restaurador da cidade de Lisboa destruida pelo terremoto de 1755, se firmou mais no espirito publico no proposito de a realizar, iniciando-se alguns trabalhos nesse sentido.

Dificil tarefa foi essa. Os obstaculos levantaram-se a cada passo. Todos sabem isto para que o vamos recordar. Mas o tempo decorreu; nada menos de 34 annos são volvidos sobre o inicio daqueles trabalhos e, vencendo as difficuldades até ás que sobrevieram no concurso aberto para os

projetos do monumento, chegou-se finalmente ao concurso definitivo, em que das quatorze maquetas apresentadas só quatro foram admitidas e classificadas pelo júri para premio, a saber:

1.º premio, de tres mil escudos e adjudicação da construção do monumento, ao projeto *Gloria progressus... deleuda reactio*, dos srs. A. R. Adães Bermudes e Antonio do Couto, arquitetos, e Francisco dos Santos, esculptor.

2.º premio, de dois mil escudos, ao projeto *Cuidar dos vivos*, do arquiteto sr. José Marques da Silva e do esculptor sr. Antonio Alves de Sousa.

3.º premio, mil escudos, ao projeto *Patria*, do arquiteto sr. José Ferreira da Costa e do esculptor sr. Emilio de Paula Campos.

A quarta maqueta, do arquiteto sr. Edmundo Tavares e esculptor sr. Maximiano Alves, não foi classificada em merito absoluto, tendo os seus autores direito á indemnização de 600 escudos, por haverem sido admitidos á segunda prova do concurso.

Os autores do primeiro projeto classificado, srs. Adães Bermudes, Antonio do Couto e Francisco dos Santos, são artistas altamente cotados, como arquitetos, sendo o sr. Francisco dos Santos um esculptor moderno que tem dado provas do seu talento, como na sua ultima esculptura que expoz na Sociedade Nacional de Belas Artes, *Homem ao Leme*, que foi adquirida pela Camara Municipal de Lisboa.

Os autores do segundo projeto, srs. Marques da Silva e Alves de Sousa, da escola do Porto, são tambem artistas bem reputados, assim como os srs. Ferreira da Costa e Emilio de Paula Cam-

pos, discipulos da Escola de Lisboa e autores do terceiro projeto.

Os srs. Edmundo Tavares e Maximiano Alves, autores do quarto projeto, são dois novos, discipulos tambem da Escola de Lisboa, que se apresentam pela primeira vez em publico, revelando no seu projeto qualidades apreciaveis, como a de simplicidade, que embora não satisfizesse ao pensamento grandioso do monumento, nem por isso é menos de atender, dada a severidade magestosa do assunto.

A simplicidade estaria, a nosso vêr, em melhor concordancia com a personagem e facto que se propõe comemorar, falando por si ao sentimento sem explicações que ilucidativas de resto se perdem no grande publico.

Difícil é certamente, muito difícil, sintetisar em um monumento simples e severo a grande obra do restaurador, não só de Lisboa, mas de uma nacionalidade, como foi o Marquês de Pombal. O talento que tal concebesse, gravaria incisivamente nuns simples blocos de pedra, como na alma simples do povo, o momento historico da nação que o genio de um homem levantou do abatimento a que chegára.

Feitas estas considerações de momento que o assunto nos sugere, apresentamos a nossos leitores as maquetas classificadas acompanhando a primeira com alguns trechos ilucidativos da memoria opresentada pelos autores e redigida pelo sr. Adães Bermudes:

«Erecto no seu pedestal de gloria que as aguias triunfalmente elevam ao fastigio do monumento, o Marquês de Pombal procurando sacudir o vil

letargo secular a alma generosa e forte da nação, simbolizada por um leão que se levanta rugindo, esmaga a reacção teocratica e a reacção feudal que a traziam subjugada.»

«O nosso projeto de monumento visa a representar o Marquês de Pombal na sua complexa figura de genial estadista, de reformador audaciosissimo, de emancipador da consciencia e vontade nacionaes, de assombroso precursor da moderna civilização.»

«Iniciamos a representação da obra colossal que é o seu verdadeiro monumento, evocando a reconstrução da cidade de Lisboa que resurge bela e altiva das ruinas do pavoroso cataclismo do terramoto e da invasão do mar em 1 de novembro de 1755.»

«Rematamos a exhibição dessa obra, pela representação da Universidade de Coimbra, que o grande estadista transformou e modernizou inteiramente, arrancando-a á tenebrosa influencia jesuitica e colocando-a sob os auspícios da verdadeira sciencia.»

«Entre essas alegorias, numerosas figuras em pleno relevo, interpretam o mais belo ciclo da actividade nacional, o extraordinario desenvolvimento da agricultura, do commercio e da industria, em plena glorificação do «Trabalho»: — o ideal novo e fecundo que vem substituir entre nós o antigo ideal religioso e aventureiro. Assim, assistimos, de um lado ás pacificas scenas de dóce faina agricola; do outro, á tumultuosa actividade da industria e do trafego comercial.»

«A' frente, a nave que sai do caes de Lisboa, levando na prôa o escudo das quinas, simbolisa

Homenagem ao Maestro David de Sousa



MAESTRO DAVID DE SOUSA

- 1.º Plano, esquerda para a direita — Sr.^{as} D. Beatriz Arede Soveral, D. Leopoldina Cordeiro, D. Maria Emilia Allen, D. Cesarina Lyra, D. Sofia Vaz Monteiro, D. Ermelinda Cordeiro, D. Amelia Gomes da Costa, D. Laura Torres, D. Maria da Gloria Vasconcelos Santos.
- 2.º Plano, esquerda para a direita — Srs. Tomaz de Lima, Boavida Portugal, Bernardino de Azevedo, Luis Pereira, Dr. Campos Lima, Diamantino Delgado, Antonio Macedo e Brito.

COMISSÃO PROMOTORA DA HOMENAGEM AO MAESTRO DAVID DE SOUSA

Ao maestro português David de Sousa, foi prestada uma justa homenagem, promovida por uma comissão de senhoras amadoras da grande arte, que consistiu na colocação de uma lapide, no salão do Politeama, comemorando a passagem do notavel maestro por aquele teatro, onde, com tanta arte e mestria, tem dirigido os concertos que o publico de Lisboa pode admirar.

A comissão, de que é presidente a Sr.^a D. Sofia Vaz Monteiro, reuniu, em sessão solene, no salão do teatro, que se encheu completamente de convidados, e a que presidiu o sr. Dr. Bernardino Machado.

Depois de um breve discurso do sr. Dr. Campos Lima, frisando a influencia educativa e artistica que os concertos do sr. David de Sousa exerciam no publico, falou a presidente da comissão, em nome das senho-

ras, manifestando a sua admiração pelo grande maestro e que a lapide agora inaugurada recordaria, tanto ao publico como a artistas estrangeiros, que um grande artista português ali soubera honrar a divina Arte da Musica.

O sr. Dr. Bernardino Machado associa-se á homenagem prestada a David de Sousa e registra, com prazer, a iniciativa da comissão de senhoras tão ilustrada quanto patriótica, sentindo-se feliz em tomar parte na manifestação sensibilizadora que consagrava o artista.

No meio de calorosos aplausos aos oradores e a David de Sousa, foi descerrada pelo sr. Dr. Bernardino Machado a lapide, onde, a letras de ouro, avulta o nome do glorioso maestro e a data do primeiro concerto.

O Concurso para o Monumento ao Marquês de Pombal



MAQUETA DO ARQUITETO SR. J. MARQUES DA SILVA
E DO ESCULTOR SR. A. ALVES DE SOUZA, QUE OBTVE O 2.º PREMIO



MAQUETA DO ARQUITETO SR. J. FERREIRA DA COSTA
E ESCULTOR SR. E. DE PAULA CAMPOS, QUE OBTVE O 3.º PREMIO

a nacionalização do commercio marítimo e a reconstituição da nossa marinha de guerra e os troféus militares que encimam as bases do fuste simbolizam a reorganização do nosso exercito. E' sob a protecção desses attributos de defeza nacional que se desenvolvem livres e seguras as forças vitas da nação.»

«Embora o vulto gigantesco do eminente politico, ofusque todo o passado historico em que se desenvolveu a sua dominadora personalidade, pareceu-nos injusto esquecer os seus principaes colaboradores. Assim, figuramos em honroso lugar os perfis de José de Seabra, que auxiliou o Marquês na expulsão dos jesuitas; D. Luis da Cunha, que o ajudou a levantar o prestigio do país no estrangeiro; conde de Lippe, que organizou a defeza nacional, contra a invasão espanhola; Luis Antonio Verney, que muito contribuiu para o desenvolvimento da educação nacional; dr. Ribeiro Sanches ou D. Francisco de Lemos, seus colaboradores na reforma da Universidade; Manuel da Maya, o illustre engenheiro que lhe prestou o concurso da sua vasta experiencia nas providencias a adoptar por ocasião do terramoto; o arquiteto Eugenio dos Santos, que elaborou a planta da nova cidade e dirigiu a sua execução; e, finalmente, o insigne escultor Machado de Castro, cuja obra bastaria para honrar um país e glorificar uma época.»

«Para criarmos á figura principal um ambiente proprio adotamos o estilo e os emblemas da época pombalina, vasando-os, porém, em moldes menos classicos e mais naturalistas. E, não só para caracterisar a época usamos do simbolo e das alegorias, mas para representar as ideias que sem elas, seriam plasticamente inexprimiveis.»

«A alma moderna exige na obra de arte o maximo de intensidade suggestiva e emotiva. Ora a figura do Marquês, tal como nos é transmitida pelos retratos e descrições do tempo, era duma serenidade cortês e impassivel mesmo nos grandes lances. Isso basta para dar a nota da sua força moral, mas tira-lhe toda a expressão



MAQUETA DOS SRS. MAXIMIANO ALVES E EDMUNDO TAVARES
A QUE FOI CONCEDIDA A INDEMNISAÇÃO DE 600 ESCUDOS

comunicativa. Para reforçar essa expressão preferimos recorrer ás imagens alegoricas, a representá-lo em atitudes dramaticas contra toda a verdade historica.»

«Todo o pedestal até á base do fuste, bem como os vastos sócos que o rodeiam serão de granito fino, variando de tons, segundo as partes em que fôr empregado.»

«As taças de agua e as colunas do templo serão de marmore de côr, tendo estas ultimas, as bases e os capiteis de bronze dourado.»

«As estatuas e baixos-relevos do envasamento e do pedestal serão em bronze fundido e patinado e a figura de Minerva, tambem de bronze, será dourada, em parte.»

«A estatua de Lisboa será de marmore de Estremoz.»

«Em lioz serão o fuste do monumento, os troféus militares, as aguias, toda a decoração do entablamento e a peanha do grupo terminal.»

«Os baixos-relevos do lado do envasamento posterior são de marmore de côr; as inscrições do fuste serão em bronze dourado.»

«O grupo que remata o monumento será em bronze fundido e patinado.»

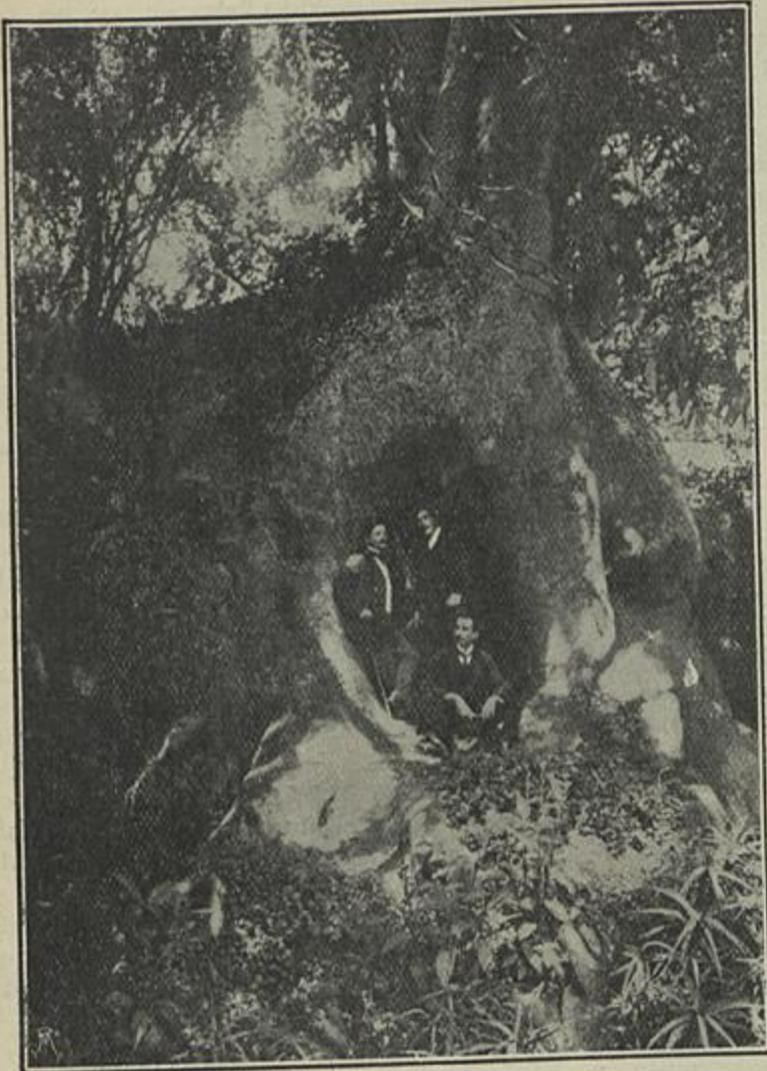
«O nucleo do envasamento e do fuste serão em alvenaria hidraulica de calcareo-rijo.»

O monumento, que será levantado na Praça Marquês de Pombal (Rotunda), ao topo da Avenida da Liberdade, terá de altura 35^m, dos quaes 9 são para a estatua.

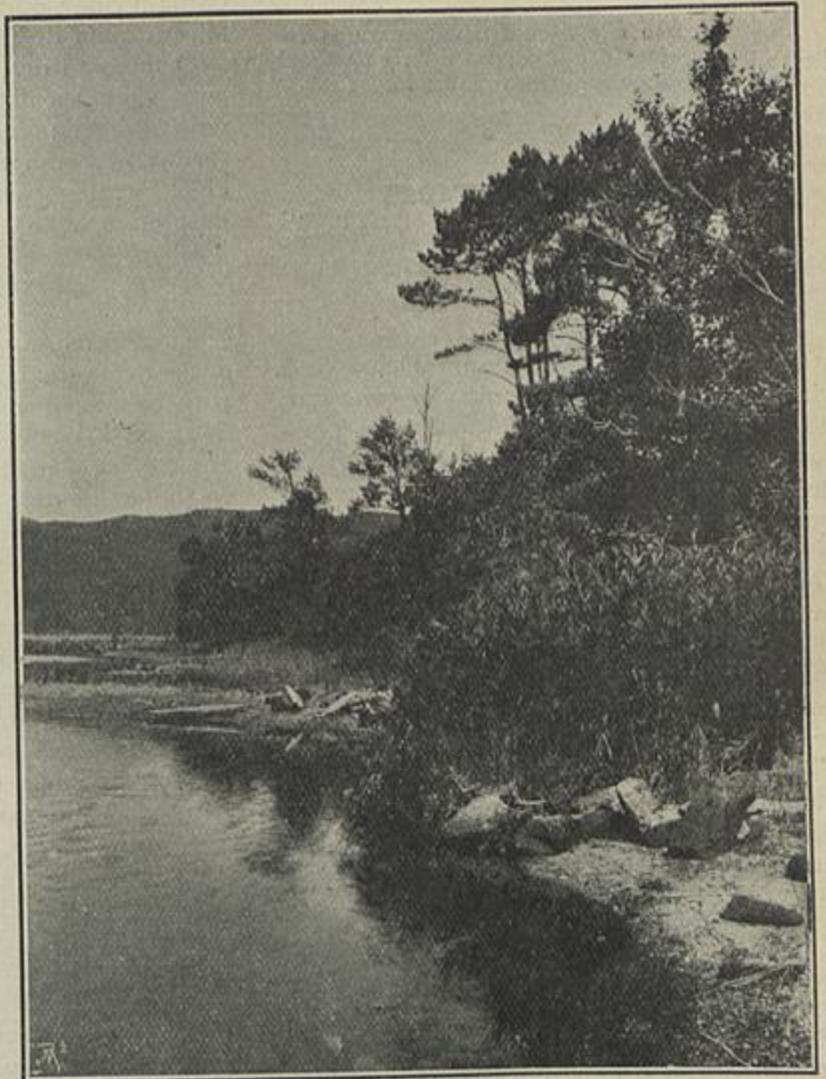
Ao juri, oficialmente nomeado, presidiu o arquiteto sr. José Luis Monteiro, secretariado pelo arquiteto sr. Francisco Carlos Parente, comparecendo mais os vogaes srs. Ventura Terra, Alexandre Soares, Lionel Gaia e Adolfo Marques da Silva, arquitetos; José Isidoro Neto, escultor; Marques de Oliveira, pintor; H. de Lima e Cunha, Bernardo de Aguiar e general Cecilio da Costa, engenheiros, não tendo podido comparecer os srs. Veloso Salgado e Teixeira Lopes.

O segundo e terceiro projetos, como se pôde vêr pelas gravuras, são tambem de

OS AÇORES — Jardins do Atlantico



UM TRONCO SECULAR NO JARDIM DO SR. JOSÉ DO CANTO
EM PONTA DELGADA



MARGENS DA LAGÔA DAS SETE CIDADES NA ILHA DE S. MIGUEL



PARQUE DO SR. MARQUÊS DA PRAIA E DE MONFORTE, NAS FURNAS
(Clichés do Salão High-Life do sr. M. J. de Mattos)

bôas composições inspiradas nos mesmos factos historicos, representados num misto de simbolismo e realismo, sempre difficil de conciliar, embora aparatoso.

Este concurso é mais um triunfo para os artistas portuguezes e gloria para a Arte nacional que afirma grande progresso realzado.



Os Açores

Jardins do Atlântico

(Continuação)

Ao desembarcar em Ponta Delgada, o viajante encontrará logo um cicerone que do melhor grado lhe irá mostrar os pontos mais interessantes da cidade. Esse cicerone é muitas vezes um estudante que generosamente se oferece a acompanhar o turista, porque o seu fim principal é aproveitar essas horas em excellentes lições práticas das linguas estrangeiras.

Mas, como o transatlântico tem geralmente uma curta demora, os turistas, depois de uma rápida visita pela cidade, partem em trens e automóveis para as Sete-Cidades e para o vale das Furnas. Com effeito, nada mais surpreendente do que esses dois cantinhos do mundo que a Natureza dotou dos maiores atractivos.

No alto das cumieiras das Sete Cidades o viajante pára, e, silenciosamente, com o olhar perdido na contemplação de um quadro verdadeiramente arrebatador, sente o desejo de ali ficar longas horas em profundo meditar.

Lá em baixo as lagoas, a côr das suas aguas, a sua disposição graciosa, tudo o convidará depois a descer do alto das montanhas para ir vêr de perto o correr das ribeiras e ouvir o cantar das frescas lavadeiras que passam o dia junto das lagoas embranquecendo as roupas dos habitantes da cidade.

Ali encontrará o pintor o mais lindo assunto para a sua tela, e o poeta, o melhor retiro para a sua inspiração.

Um dia perguntou-me alguém se o vale das Furnas seria mais interessante do que as Sete-Cidades; e eu, com franqueza, fiquei de certo modo embaraçado perante essa pergunta. As Furnas e as Sete-Cidades diférem tanto entre si que impossível se torna estabelecer uma comparação entre as duas.

Jean-Jacques Rousseau, o grande literato do século XVIII, que abandonou Paris para se ir refugiar no campo, ele que amava as altas montanhas e os profundos vales, a Natureza onde a mão do homem não alinhava arruamentos e não traçou a simetria de canteiros, Rousseau teria encontrado de preferencia, talvez, nas Sete-Cidades, mais encantos para o seu coração e mais poesia para a sua obra.

O vale das Furnas é o local preferido pela fina flôr da sociedade micaelense que ali manda construir os seus *chalets* para ir passar o verão. O pitoresco vale encontra-se cheio de maravilhosos jardins, os quais, embora pertencendo a particulares, se encontram sempre abertos a quem em dias de sol procura uma sombra amiga á beira de um regato...

O que muito caracteriza as Furnas sam as suas caldeiras cujas espirais de fumo recordam dia e noite que a humanidade vive ali em cima de um vulcão.

O falecido dr. Miguel Bombarda que ha anos visitou a ilha de San Miguel, estando uma noite na *assembleia* das Furnas onde se dansava com entusiasmo, disse por graça que lhe parecia extraordinaria tanta despreocupaçãõ á beira de um abismo...

Existem ali diversas aguas minerais onde a sciencia encontrou poderosos recursos para beneficiar a humanidade enfôrma que de toda a parte tem ido procurar ali um alivio para o mal. Para isso ha magníficos estabelecimentos balneares, havendo tambem banhos especiais para as pessoas saudáveis. Outras águas ha ainda que sam utilizadas para o uso interno como a água azeda, a da Serra do Trigo, etc., mas a mais conhecida de todas é a água das Lombadas que nasce na Ribeira Grande.

Não posso, porém, descer a minuciosidades, porque o meu intento é apenas fazer acompanhar de algumas palavras as fotografias do Salão High-life que, seja dito com justiça, é o maior estabelecimento que no genero existe naquêle arquipélago.

Essas fotografias sam como que uma pequenina amôstra do que sam na realidade esses *jardins do atlântico* que o estrangeiro tanto aprecia e conhece melhor do que os próprios portuguezes. Infelizmente é verdade; mas, por vergonha nossa, a propria existencia dos Açores é relativamente pouco conhecida pelos portuguezes que vivem aqui no continente. Um dia um alferes com quem conversava, mostrou-se devêras surpreendido por eu lhe ter contestado que o povo açoriano não era constituído por gente de côr como ele então julgava! E, como este exemplo, poderia citar muitos outros que bem demonstram a ignorancia de muitos portuguezes ácerca d'essas ilhas.

Nós, açorianos, deviamos tomar a iniciativa de uma boa propaganda dos Açores, organisando por exemplo uma associação destinada áquele fim. Essas associações existem em toda a parte, havendo em Paris atualmente uma sociedade cujos membros tomaram o nome de «os amigos de Paris» e se propõem fazer a mais acérrima propaganda daquêla notavel cidade.

Ha tres anos, em maio, annunciou-se aqui em Lisboa uma excursão aos Açores, por preços relativamente baratos. Um hiãte de recreio seria fretado expressamente para conduzir os excursionistas que deviam partir no mez de julho seguinte. E essa ideia alegrou-me devêras por vêr que alguma coisa se fazia enfim no intuito de tornar mais conhecidas essas formosíssimas ilhas. Semanas depois lia com grande má-gua que a projectada excursão fôra adiada para o ano seguinte, mas esse mesmo passou, e, como era de prevêr, nunca mais se falou em tal.

E pena foi, porque os continentais perderam uma excelente ocasião de irem verificar com os seus próprios olhos que tudo o que se diz ácerca das belezas naturais dos Açores, fica ainda assim muito áquem da realidade.

ESPÍNOLA DE MENDONÇA.

ROMANCE

Victor Debay

Amiga Suprema

(Versão livre auctorizada pelo auctor, por Alfredo Pinto (Sacavem))

Segunda parte

IV

UMA ALMA DERROTADA

(Continuado do numero antecedente)

E a minha *sandwich*? disse a mulher sentando-se junto de Wolfram.

Fombreuse fez trazer cervejas e *sandwichs*.

— Ah! Muito obrigado! Como é amavel! O senhor tem aspecto de um homem fino. Passada meia hora, sahiram do café.

— O senhor deve voltar aqui outra vez, disse a mulher para Fombreuse, eu estou aqui todas as noites, pergunte pela *Nini-la-Puce*.

Na rua o ar parecia purissimo apoz aquella horrivel atmosphaera do café. Wolfram caminhava encostado ao braço de Fombreuse.

— E' boa rapariga, dizia o cego, faz differença do resto d'aquella gente, pelo menos tem pena de mim. Tem paciencia de cão de cego!

— Que tem agora composto?

— Muita coisa, cadernos espalhados, que nem sei d'elles. Um esboço de uma symphonia, imagem da minha existencia, que acabasse como uma oração á vida do futuro. Pensei em uns cantos e em côros, a voz humana é para mim o que ha de mais bello.

— Grandes projectos! deverão ficar concluidos.

— Não terei coragem...

— Ella virá.

— Se o senhor m'a desse.

— Está apenas enfraquecida.

— Sim, mas a fé? Ah! a *Amiga Suprema*, a *Musica* fugiu para sempre; apenas fiquei com a *canção* dos cafés, cantada pela mulher facil e pelo homem sem valor.

— Poderemos tiral-o d'esse meio...

— Poderão dar-me a... santa musica? Aquella que eu amaldiçoei nas horas de desespero?

— Sim, Wolfram.

— Ah! meu caro, d'esta noite fica a recordação que fallei com um amigo. Mas, diga-me, que tem feito?

Fombreuse disse todos os seus trabalhos.

Chegaram á rua Veran, onde vivia Wolfram.

— O sr. Fombreuse volta, não é verdade?! Mas não ao café, na minha casa tambem ha bello absintho.

— Não diga isso.

— E' uma bebida que me dá o sonho agradável.

— A nossa arte é muito melhor.

— Estou com frio, sempre a febre.

— Venha até á minha casa, estará mais confortavel.

— Obrigado, Fombreuse, mas um cego é sempre uma criança em uma casa, dá sempre muito trabalho.

(Continúa.)

Exposição de Pintura a Pastel de Leopoldo Battistini



ACARICIANDO O BÊBÊ

cando seu autor; a concorrência de visitantes tem sido numerosa, ocioso por tanto seria especializar este ou aquel'outro quadro, e dificilmente, escrevendo, se conseguiria dar uma exata impressão d'aquelle estudo de risos femininos em rostos juvenis e alegres, francos ou dissimulados, contidos ou espontaneos como são os que se encontram no quadro — *No Lavadouro*.

Distantes na colocação mas de estricta conexão na ideia não posso deixar de aproximar estes dois quadros; são duas mães e dois bebês, chamemos-lhe assim. N'aquelle que, no catalogo, tem o nome de *A Mãe*, a creançinha é de uma beleza ideal, é uma compensação que Deus deu á pobre mãe, que não tem para lhe dar mais que a vida e o amor; o ultimo da galeria é um hymno triumphal; é a alegria, é o conforto, é o delicioso prazer de afagar um anjinho.

Mal se comprehende como uma alma de artista, que soube deslizar entre tão boas, alegres, suaves e ternas impressões, possa ter deparado com horas tão negras como aquellas que documentou em um estudo de nu, reproduzindo do natural uma negra. Ainda bem que tal quadro foi condemnado a ficar a um canto como envergonhado da boa companhia a que conscienciosamente não pertence.

Não é só Lisboa que prima em exposições de pintura. Tambem a capital do Norte dá razão de si com apreciaveis documentos como bem pode-

Exposição Leopoldo Battistini

(Impressões)

Continua o salão de festas do jornal *O Seculo* a estar em festa, aberto o seu ambito aos sacerdotes da arte para que estes possam ostentar em publico as graciosas manifestações de seu culto e de seus talentos.

Um dia a exposição de pinturas a oleo do paisagista José Campas; hoje são os deliciosos pastéis de Battistini.

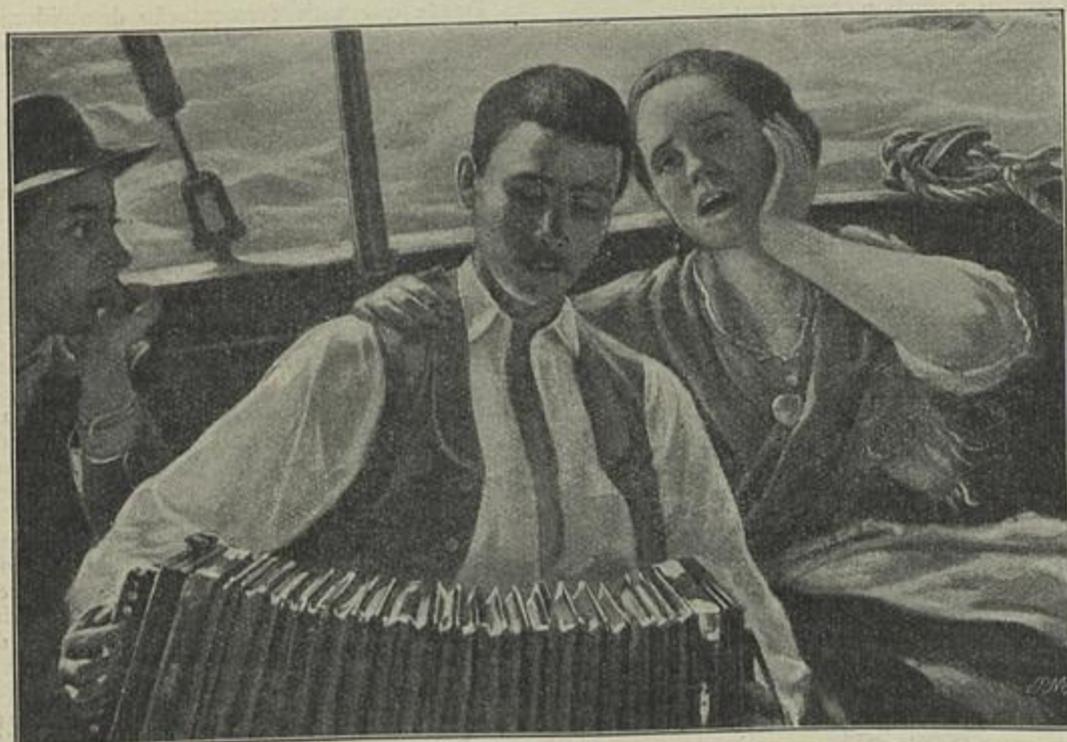
Logo ao penetrar na ante-sala recebe-se a impressão de um colorido vigoroso, quente e luminoso. Ha largueza na idealização e no desenho, chegam por vezes a parecer diminutos os cartões para a opulencia das formas, numero e contornos das figuras.

Nos trinta e dois quadros expostos dominam de preferencia as figuras femininas tratadas sempre com esmero e cuidado, e quantas vezes com suavidade e carinho, ou se trate do franco desabrochar da juventude em flôr, ou se reproduzam as suavidades de um rosto sobre o qual, em um desmaiar de outono já vão alvejando as primeiras neves.

A imprensa jornalística tem-se referido já, merceda e elogiosamente a esta exposição, glorifi-



HIPNOTISMO



A CANTIGA

ram apreciar os portuenses que no passado março visitaram no Palacio do Cristal a exposição de estudos d'arte composta de quarenta e quatro quadros de uma joven senhora, D. Abigail de Paiva Cruz.

SILVA MATTOS.

*
CANTIGAS

I

Diz-nos a sabedoria:
ouve muito e fala pouco
e passarás por sensato
mesmo que sejas um louco.

II

Bôcas que falam não dizem
palavras do coração,
as caladas, (estas sim),
valem muito as outras não.

III

Deu-nos Deus uma só bôca
e dois ouvidos tambem,
para falar como dez
e para ouvir como cem.

IV

Diz um rifão antiquado:
muito falas pouco certas;
vale uma bôca fechada
mais de cem bôcas abertas.

V

Palavra fóra da bôca
é pedra fóra da mão,
a pedra fere a vidraça,
a palavra o coração.

VI

Muita parra poucas uvas
diz o rifão dos rifões;
as parras são as palavras,
as uvas são as açõis.

Lisboa, 1914.

JOÃO MARIA FERREIRA.

Buddha e Christo

I

A sua vida

(Continuado do n.º antecedente)

Vencida a tentação, o solitário pensador sentese possuído da Inteligencia suprema, atinge finalmente a solução do terrível problema que ha tanto tempo o trazia aniquilado e reconhece que a salvação do homem não está nos sacrificios, cerimónias e penitências, mas sim na cultura moral e santidade da vida, na caridade, perdão e amor. E esta verdade «procurou-a ele inutilmente entre os homens e nas solitárias florestas e não a achou porque estava no seu próprio coração.»

Illuminado por esta descoberta, Gautama, — que desde então é chamado o *Buddha*, isto é, o *luminado*, — ergue-se e vai a Benares, a Roma da India, onde faz o seu primeiro sermão: «Estão abertas, diz, as portas da immortalidade; quem tem ouvidos para ouvir ouça; vou anunciar aos homens a boa, a santa lei» (9).

A nova doutrina de paz, amor e egualdade atráti logo numerosos adeptos, dentre os quais o *Buddha* escolhe alguns para discípulos, sendo Ananda o predilecto, e os manda pregar a verdade em toda a parte (10).

Dirige-se em seguida para Rajagriha, a capital de Magadha, cujo rei Bimbisara se achava no acto de celebrar um sacrificio de 100 ovelhas e outros tantos carneiros. Mas *Buddha* faz um discurso tão eloquente e sentimental — demonstrando a inutilidade dos sacrificios, a crueldade da matança dos inocentes animais e a necessidade do homem ser compassivo para todas as criaturas para merecer a compaixão dos deuses, — que os sacerdotes recuam de horror e o próprio rei, a rainha e uma grande parte do povo abraçam a nova fé. Apresenta-se ao depois no palácio do pai, donde havia saído príncipe e agora voltava mendigo, com a cabeça rapada, vestido dum túnica amarela e com um vaso de esmolar na mão; e o velho pai e a joven esposa choraram com a comovedora scena. O filho Rahula pede-lhe a herança de príncipe para um dia reinar sobre os Sakyas, e *Buddha* responde: «Meu filho, pedes a herança terrestre que é sujeita á morte e a dissabores; não posso dar-t'a, porque não a possuo. A herança que te deixo é o tesouro que tenho acumulado debaixo da *arvore da sciencia*, e do qual ninguem te pode despojar» (11).

Até o dia da morte, durante 45 anos, percorreu vários paizes da India pregando e operando milhares de conversões. Em Vaisali aceita a hospitalidade da pecadora Ambapali, que, escutando enleada as suas dôces práticas, se converte e se

faz freira, e *Buddha* a estima mais que os grandes e poderosos que entre si disputam as suas relações (12).

Um dia Ananda encontra uma joven a tirar agua d'um poço e pede-lhe de beber; e a donzella, receiando manchal-o com o seu contacto, adverte-o de que pertence á casta inferior. «Não te pergunto a casta nem a familia, irmã; tenho sede, dá-me agua se podes.» E *Prakriti* fica logo enamorada d'esse joven que despreza a superioridade da sua casta para lhe chamar irmã e beber agua de suas mãos; e confessa o seu amor a *Buddha*, que aproveita da ocasião para a converter e ela abre os olhos á luz e abraça a vida ascética (13).

Em Rajagriha é *Buddha* recebido, como Christo o foi em Jerusalem, com aclamações pelo povo, que, admirado pelo seu verbo eloquente e pela sua vida exemplar, pergunta: Quem é este? Nunca d'antes se viu homem igual.» Dizem uns que é filho da lua, outros o deus do amor, outros o próprio Indra ou Brahma; só os discípulos lhe chamam o *Buddha* (14).

E finalmente quando, velho e alquebrado, sente próxima a morte, toma a última refeição em casa de um ferreiro e se despede dos discípulos com derradeiros conselhos. «Ide, discípulos meus, por toda a parte, pregando a minha doutrina por misericórdia para com o mundo, para a salvação dos homens e para a glória dos deuses. Nunca vão dois pelo mesmo caminho.» Anuncia-lhes os sofrimentos e as heresias que os esperam e os futuros *Buddhas* que hão de vir regenerar a humanidade ensinando a boa doutrina (15) e acrescenta: «Depois da minha morte a doutrina que vos ensinei será o vosso guia e mestre» (16).

O dono da casa obsequia-o com duas vestimentas de seda, das quais ele veste uma, dando a outra a Ananda (17), o discípulo *quem diligebat*, e logo o seu corpo se ilumina espalhando fulgor pela casa, com a admiração dos presentes, que o acham *transfigurado* (18). E em seguida, vendo já chegada a hora da morte: «Na verdade, diz, esta mesma noite na terceira vigília terá lugar o derradeiro passamento do *Buddha*.» E os discípulos transportam-no, a pedido, ao ar livre e o colocam sobre um leito entre duas árvores de Sala, onde se queixa de sede, e, mais feliz que Christo, recebe das mãos de Ananda agua pura. Vendo então os seus discípulos chorarem de comoção, exorta-os dizendo: «Não penseis em mim, senão nas minhas palavras: Tudo o que nasce morre; esforçai-vos portanto por serdes perfeitos e entrades na Grande Paz» (19).

Foram as suas últimas palavras. Imediatamente o seu espirito se recolheu em profunda meditação e entrou n'aquella Grande Paz que havia anunciado aos homens. A natureza veio prestar a homenagem ao santo varão á hora da morte; as árvores floresceram ante-tempo espalhando sobre o moribundo flores aromáticas, e uma música aerea veio recrear-lhe os ouvidos. Mas o *Buddh*, coerente com os próprios ensinamentos, declinou essas divinas honras, declarando que só seria honrado e glorificado pela santidade da vida dos seus irmãos e irmãs na terra (20).

(12) Uma mulher pecadora que havia na cidade, pondo-se a seus pés por detrás d'ele, começou a regar-lhe os pés com lagrimas... e disse-lhe Jesus: «Perdoados te são os teus peccados.» (S. LUCAS VII).

(13) Veiu uma mulher da Samaria a tirar agua. Jesus lhe disse: «Dá-me de beber.» Mas aquella mulher samaritana lhe disse: «Como, sendo tu judeu, me pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana?» Porque os judeus não se comunicam com os samaritanos. Respondeu Jesus: «Se tu conheceres o dom de Deus e quem é o que te diz: «Dá-me de beber», tu certamente lhe pedirás, e ele te daria a ti da agua viva.» (S. JOÃO IV).

(14) «Quem dizem os homens que é o Filho do homem?» E os discípulos responderam: «Uns dizem que João Baptista, mas outros que Elias e outros que Jeremias ou algum dos profetas.» Disse-lhes Jesus: «E vós, quem dizeis que sou eu?» Respondendo Simão Pedro, disse: «Tu és o Christo, Filho de Deus vivo.» (S. MATEUS XVI).

(15) «Eu tenho muitas cousas que vos dizer; quando, porém, vier aquele espirito de verdade, ele vos ensinará todas as verdades... e anunciar-vos-ha as cousas que estão por vir.» (S. JOÃO XVI). Segundo a crença buddhica, Jesus é um destes *Buddhas* e por isso é respeitado e venerado por eles.

(16) Cf. os conselhos de Christo aos seus discípulos na ultima ceia.

(17) «O que tem duas túnicas dê uma ao que a não tem.» (S. L. III).

(18) Tomou Jesus consigo a Pedro e a Tiago e a João e, levando-os para um lugar apartado, transfigurou-se ante eles. E os seus vestidos se tornaram resplandecentes e em extremo brancos como a neve... (S. MATEUS IX).

(19) «Não se turbe o vosso coração... Na casa de meu Pai ha muitas moradas; vou pois aparelhar-vos o lugar. Se me amais guardai os meus mandamentos... lembrai-vos das minhas palavras.» (S. JOÃO XIV).

(20) «Nisto é glorificado meu Pai, em que vós deis muito fruto, e em que sejais meus discípulos.» (S. J. XV).

E depois da morte, estremeceu-se a terra, caiu um meteoro e ouviu-se uma trovoadá; e feita a cremação do cadaver, os reis e os sacerdotes repartiram entre si as relíquias do mestre (21).

E assim morreu no ano 487 antes de Christo (22), o grande reformador religioso que se chamou Gautama o *Buddha*, velho de 89 anos, amado e respeitado não só pelos discípulos e pelo seu povo, mas por todos os povos e crenças da India.

MARIANO SALDANHA.

No Campo da Justiça

(Bibliographia)

Eis um livro que, á Magistratura Portuguesa, como testemunho de veneração, lealdade e affecto, offereceu o Autor, um dos que foi seu ornamento insigne, e n'ella occupou o mais alto gráo, o Juiz Augusto Carlos Cardozo Pinto Ozorio, que, por uso consuetudinario, como o fazia em suas instructivas Têncões, e luminosos Accordãos, edita seu livro somente com o cognome e appellido PINTO OZORIO.

Não destôa de certo da indole d'esta Revista dar cabida á noticia da publicação recente de um livro que de modo algum mira á obtenção de um qualquer beneficio pecuniario, a intenção d'elle subiu mais alto; e vamos encontrar bem defendido o seu escopo no breve periodo em que se lê, n'um desafogo de dignidade:

«Durante largos annos temos trágado a afronta «em silencio! As exigencias da profissãe, e o respeito para com ella (a magistratura) não nos «permittiam entrar na arena do combate! As «feridas que recebessesmos tambem a poderiam «ferir. Hoje não!»

Vem este livro indirectamente demonstrar como, por exagerados escrupulos e mal apreciados melindres, um tão distincto juiz, na plenitude de uma intelligencia clara e robusta, na posse de um erudito saber, quiz descer da presidencia do Supremo Tribunal de Justiça á modesta situação de juiz aposentado, talvez para escrever, como com toda a hombridade escreveo, no seu livro «Somos «um simples cidadão. Podemos para longe arre- «messar a mordaza. Já nos é permittido fallar», e depois accrescenta «Nunca estivemos debaixo «da vara de um pastor. Nunca pertencemos a «nenhum rebanho politico, ou parlamentar.»

Vem pois Pinto Ozorio com toda a isenção e desprendimento, mas com toda a auctoridade do seu bom nome desagrar a magistratura judicial portugueza de quantos alevos a obsecção politica, os interesses partidarios e um envenerado scetarismo lhe tem vindo assacando desde muitos annos, em profiadadas investidas sem treguas nem descanço.

Desde que uma fermentação demolidora se tem apossado do espirito moderno, talvez na intuição de ideais melhores, os pontos mais resistentes são os que mais provocam as violencias de insistentes ataques, e assim de largos dias vem o poder judicial soffrendo de uma campanha de odios, que ou se manifestam por actos meramente individuais, ou por outros que de mais alto procedem.

Foi um acto d'esta ultima natureza, que arrancou á alma de Pinto Ozorio o nobre, sentido e correcto desforço, que constitue a primeira parte do seu livro, em que se faz a analyse fria, serena mas frizante da lei e decreto que creou e deu regulamento ao Conselho Superior da Magistratura Judicial, á qual vem decerto o livro prestar um serviço relevante, por que em uma hora de justiça que lhe será feita, aquelles diplomas deixarão de infermar dos odiosos e deprimentes aleijões, que o autor põe em relevo, e justamente deplora.

Os seis capitulos que constituem esta primeira parte veem textualmente reproduzidos da *Revista dos Tribunaes* do Porto a que o autor dá preferencia para a publicação de seus trabalhos scientificos e literarios, e é por isso que tambem dali

(21) Depois de expirar Jesus tambem «tremeu a terra e partiram-se as pedras»; e os soldados lançaram sortes e repartiram entre si as suas vestiduras e a túnica.

(22) A data da morte de *Buddha* não está ainda assente. Os orientistas fixam-na entre 412 e 487.

vem transcripta a encerrar esta parte uma sentida homenagem que o autor presta em seu nome, e poderia prestar em nome de toda a magistratura, á memoria de dous collegas illustres, dous magistrados de uma estatura de destaque que foram João Baptista Dias de Oliveira e Luis Fisher Berquó Poças Falcão, aquelle, de pouco tempo aposentado no Supremo Tribunal pelo limite de idade, e este fallecido, quando já Presidente do mesmo Tribunal.

Ao annotar esta primeira parte deveu o autor sentir, e naturalmente sentirão os leitores de espirito despreoccupado, grande consolação ao deparar com a longa serie de magistrados distintos de que o livro faz menção, cujos nomes desde Manoel Fernandes Thomaz até Poças Falcão pertencem á historia da honrada Magistratura Portugueza, e o de muitos tambem á historia politica d'este paiz.

E' pois de ver como as tradições de honra, dignidade e saber veem continuadas em serie ininterrupta nesta nobre instituição, neste honroso poder do Estado que aos embates da politica não se dissolve como acontece aos outros poderes colectivos; e está ahí a sua força, a sua virtude.

A segunda parte, como para servir de base á demonstração e resolução de um problema de jurisprudencia, constitue um capitulo da historia

da nossa legislação no periodo da monarchia constitucional, e expõe com que frequencia o poder executivo se substituiu ao legislativo: compendia uma a uma todas as ditaduras e demonstra como em todos os diplomas de bill de indemnidade concedido aos governos que as fizeram, se reconhece força obrigatoria para o que haviam preceituado em materia legislativa.

Responde o autor com as leis e com a historia aos apodos deprimentes d'aquelles que, um dia dictadores, não querem que o poder judicial reconheça força de obrigar aos decretos dos seus adversarios.

A substancia d'esta segunda parte encontra-se em nota de pags. 235 a 239, em um notavel Accordão doutrinal do S. T. de J. anteriormente proferido em 23 de julho de 1907, quando a deflagração das paixões era mais violenta e virulenta contra os velhos magistrados, que encanecidos no officio de julgar, serenos e impassiveis punham acima de tudo a consciencia do dever cumprido.

Fecha o livro com uma terceira parte que titula — O PODER JUDICIAL NA CONSTITUIÇÃO DA REPUBLICA. Este diploma, a actual Constituição, parece ter tido o poder judicial em melhor conceito que o de muitos outros politicos que por ventura nella não collaboraram, e dá a esse poder uma competencia, que nas constituições europeias

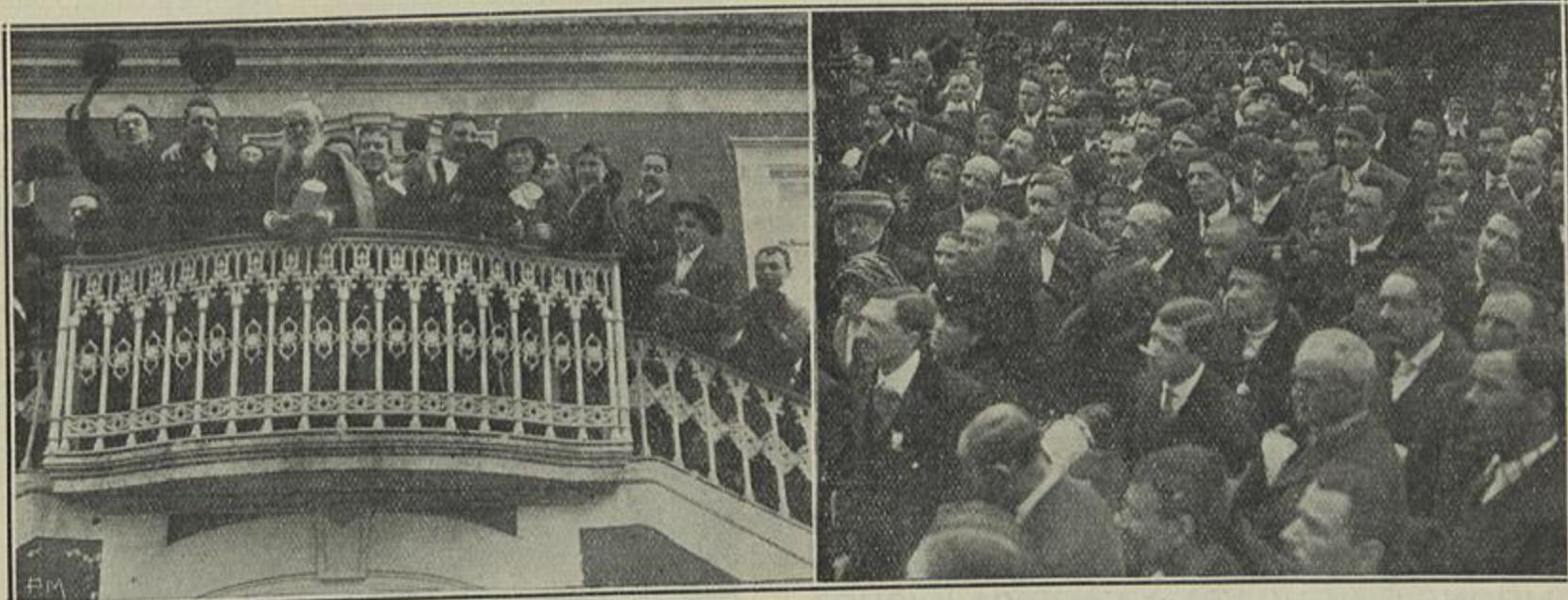
não apparece, e por ventura veio importada da America do Norte.

Estuda o autor nesta parte a genese do artigo 63 da nova Constituição e conclue por que tal competencia não é estreme de perigos. Com seu espirito de analyse passa ao campo das hypothezes e chega a concluir que bem pode o mesmo preceito legal ser ou não ser inconstitucional conforme as partes o impugnem ou não, perante o juiz que tenha de o applicar. E não são só os altos tribunaes quem tenha de julgar da inconstitucionalidade de uma lei, pois que esta arguição pode ser deduzida e julgada no ultimo elo da escala judicial; e assim conclue pela conveniencia de na primeira revisão da Constituição se reflectir com maior cuidado sobre tão melindroso assumpto.

Em todo o livro há o trabalho de um espirito disciplinado, estudioso e erudito. Deixou Pinto Ozorio de compulsar autos, e não lhe adormeceu na alma o culto pela santidade das leis: Nos ocios da vida privada continúa o coração a pulsar-lhe ferveroso pelo amor da classe: é este livro, devido a um d'esses impulsos amistosos e ternos, e vem presentear-a com um trabalho, que não é para uma leitura fugitiva, pois encerra elementos dignos de consulta, de reflexão e de estudo.

SILVA MATTOS.

O Regresso de S. E. D. Antonio Barroso, Bispo do Porto, á sua Diocese



S. E. D. ANTONIO BARROSO NO SEU NOVO PAÇO, AGRADECENDO A GRANDE MANIFESTAÇÃO DE SIMPATIA DA ENORME MULTIDÃO QUE O FOI SAUDAR

Raro se tem prestado homenagem mais condigna e imponente, como a que o Porto prestou a seu prelado, D. Antonio Barroso, ao regressar á diocese depois do desterro que o teve dela ausente tres anos.

E' que essa homenagem era prestada a um homem cuja hombridade de caracter, patriotismo e virtudes se impõe acima de todas as paixões da politica, que nunca o maculou.

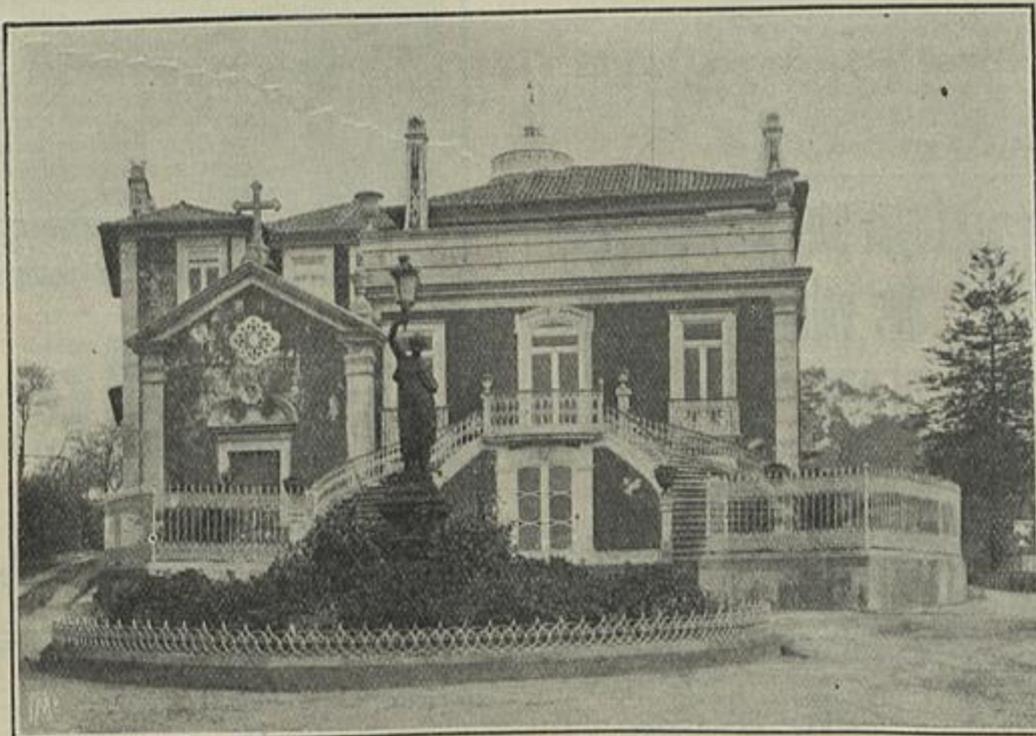
O venerando sacerdote de Cristo, cheio de serviços á patria e á religião, como missionario na Africa portuguesa, e honrando a Igreja Lusitana como um dos seus mais virtuosos prelados, merecia bem todas as homenagens que os portuenses lhe prestaram, ou melhor, os seus diocesanos, pois que de toda a diocese veio gente pressurosa, de distincção, ou humilde, saudar o preclaro pastor que voltava a pastorear o seu rebanho com aquele amor e caridade cristãos, que o fizeram amado e respeitado do seu povo.

A cidade do Porto apresentou, no dia 4 deste mez,

um aspeto desusado pela enorme concorrencia de povo que se dirigia para a Sé, e occupava as ruas por onde devia passar o sr. D. Antonio

Barroso. As mais distintas familias da cidade e cercanias enchiam o templo; em lugares reservados na capela-mór, lentes de cursos superiores de Coimbra e outras escolas, todo o cabido, parcos da diocese e outros eclesiasticos, uma multidão, emfim, como poucas vezes terá succedido, enchia a vasta igreja que, ricamente armada, de damascos e veludos, profusão de lustres e flôres apresentam aspeto imponente.

No meio desta enorme assistencia é que o sr. D. Antonio Barroso foi recebido na Sé, sendo aclamado dentro do templo com verdadeiro entusiasmo, comovendo o venerando prelado, comoção que não ocultou quando se dirigiu ao auditorio, num discurso eloquente cheio de sentimento e de verdade, em que tanto agradecia a Deus o encontrar-se de novo á testa da sua diocese, como não encontrava palavras que exprimissem a sua gratidão pela carinhosa festa com que ali o recebiam. Referindo-se ao seu exilio, diz que não foi mais do que um temporal



O NOVO PAÇO NA QUINTA DE SACAES (Clichés de J. Azevedo)

que pretendia derrubar uma arvore, mas de que só lhe quebrou alguns ramos e algumas folhas caídas no chão murchas, resequidas. O tronco foi limpo dos musgos, dos parasitas, a seiva circula melhor. Deseja o socêgo para se reconstituir a Igreja.

Dirige a todos os seus diocesanos o pênhor da sua afetuosa gratidão e do alto do pulpito lançou ao povo a benção papal, que havia solicitado de Pio X.

Depois deste discurso cantou-se o *Te-Deum*, a grande instrumental pelo Grupo de Santa Cici-
lia, seguindo-se a exposição do Santissimo.

O venerando bispo, ao retirar-se para o seu novo paço, foi acompanhado por todos que tinham assistido ao acto religioso, e por entre as aclamações de indiscritível entusiasmo de milhares de pessoas que aguardavam a sua passagem.

Chegado á quinta de Sacaes, onde está estabelecido o novo paço, deu recepção durante mais de tres horas; sendo-lhe apresentada pelo revd.^{mo} conego Antonio Joaquim Pereira a comissão que adquiriu donativos para a instalação do novo Paço, a qual se compõe das seguintes senhoras: D. Adelaide Maria Vilalva de Magalhães e Menezes, D. Camila de Faria, D. Adeline Nogueira Pinto d'Oliveira, D. Adelaide Raquel Lopes Antunes de Araujo, D. Amelia Lopes Martins, D. Amelia Quintela Magro, condessa de Lumbrales, D. Elisa Maria de Sousa Carqueja, D. Eulalia Pinto Machado Torre, D. Fernanda de Magalhães Wanzeler, D. Guilhermina Pereira Machado de Lima de Brito e Cunha, D. Julia Brown Wanzeler, D. Julia Quintela Carneiro Leão, D. Laura de Castro Neves de Sousa Guedes, D. Lidia Moreda, D. Maria Helena de Barros Wanzeler, D. Maria Virginia de Castro Ramos Pinto, D. Mariana de Freitas e Menezes, D. Sofia Pinto da Fonseca do Vale Cabral, D. Tereza Maria da Silva de Vasconcelos Porto, viscondessa da Ermida e baronêsa de Fragozela.

Ao Paço da Quinta de Sacaes tem ido uma romaria de milhares de pessoas a saudar o sr. D. Antonio Barroso, que a todos tem recebido, durando essas recepções muitas horas em cada dia, além de centenas de telegramas e cartões de cumprimentos que lhe tem sido enviados de toda a parte do país.

Daqui enviamos as nossas respeitadas felicitações a sua ex.^a Rev.^{ma} pelo regresso á sua diocese.



SANTOS LUZ

Minha Terra

POR

Santos Luz

Já não é a primeira vez que nos referimos ao nostalgico poeta Santos Luz que, desde os *Sonetos de Paixão*, *Cantigas da minha terra*, *Mundo interior* e *Minha terra*, se mostra sempre saudoso da região que lhe foi berço — Aljustrel — a que dedica sentidas quadras repassadas de uma grande suavidade.

Minha terra é um elegante voluminho editado pela livraria Ventura Abrantes. Dividido por quatro quadros: *Dia de Primavera*; *Dia de Verão*; *Dia de Outono*; *Dia de Inverno* e *Post-Scriptum (Visita á minha terra)* é um lindo rosario de quadras escriptas á maneira popular e de tal modo agradável que as alegres raparigas suas conterraneas lh'as decoram, cantando-as, com o rythmo cadenceado e sentimental das cantigas alemtejanas, em bailaricos, com as ligeiras

variantes, como as sabe architectar e introduzir a ingenua phantasia do povo.

Como amostra e como signal de agradecimento pela maneira captivante como Santos Luz nos offereceu os exemplares da *Minha terra*, damos aqui os versos iniciaes do *Dia de Outono*:

Nas encostas da serra alcantilada
Vê-se Aljustrel, de marmore e granito;
Outr'ora, em cima, ás furias da nortada
Um Castelo assomava no Infinito.

Hoje, n'um campanario, um sino afiio
Acorda os ais d'uma época passada,
Cuja lenda nostalgica, doirada,
Anda na voz do povo como um rito.

E' madrugada. Rente ás oliveiras
Passa um sopro de outono. As cotovias
Cantam na terra branca das clareiras.

Ao longe ouvem-se as vozes lentas, frias,
D'um sino matinal. E nas balseiras
O Sol, rompendo, acorda as harmonias.

Por esta transcripção verá o leitor que não o enganámos quando, ao iniciar esta pequena noticia, dissémos que Santos Luz mostra sempre nas suas boas produções poeticas um sentimento repassado de suavidade.

E por aqui nos ficamos, pois tudo o mais que se pudesse dizer fica dito com a transcripção que fizemos.

II—III—CMXIV.

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.



PUBLICAÇÕES

Fantoches — Directór e editór — Rocha Martins. — Deposito. Livraria Ventura Abrantes.

Os acontecimentos politicos que envolvem a nossa nacionalidade, despertam, em todos os animos, ainda os mais indiferentes, atitudes varias e diversas apreciações. Se de um lado suscitam aplausos, d'outro lado provocam protestos veementissimos. FANTOCHES — correspondem a uma fase da opinião que é de opposição intransigente e irreductivel. São escritos numa linguagem correcta e concisa. Lemol-os com agrado. Pena é que a distribuição nos seja feita tão irregularmente.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis



Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca
Exigir pois esta marca
em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C.^a, Lisboa. Unico legalmente auctorizado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições. Centenares dos principaes medicos garantem a sua efficacia na *debilidade*, na *pobreza do sangue* (anemia), na *convalescença de todas as doencas* e sempre que é preciso *levantar as forças*. E' muito usado ao *lunch* e ao *toast* pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que teem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas pharmacias.

Capas para a encadernação dos volumes do «OCCIDENTE»

CAPA 800 RÉIS

Capa e encadernação 1\$200 réis

Ha volumes encadernados
para quem
quizer completar
a coleção

Bordados **Lucerna**



direitamente da Suissa, franco de porte no domicilio.

Vestidos
desde Fr. 11.80

Blusas
desde Fr. 3.95

Vestidos para Crianças
desde Fr. 5.90

Do melhor bordado suisso, sobre cambraia, voile, crêpon, toile e sobre sedas novidade. Peçam a nossa colleccão 163 de figurinos novos com amostras bordadas.

Os nossos bordados são por fazer, mas remetemos os padrões cortados em todas as medidas a quem os requisitar.

Schweizer & Co. Lucerne, Suissa

Casa de Paris

— Rua d'Assunção, 56-LISBOA —

Grande e variado sortimento de brinquedos, quin-
quillherias e artigos proprios para brindes.

10 % de desconto aos clientes da casa Pires Marinho ♦ Preço fixo